

Fernando Pessoa

Cancioneiro

Ciberfil Literatura Digital



Versão para Adobe Acrobat Reader por
Rodolfo S. Cassaca

Março de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: www.ciberfil.hpg.ig.com.br
ou mande-nos um e-mail: ciberfil@yahoo.com

Cancioneiro:

Nota Preliminar

1. *Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.*
 2. *Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.*
 3. *Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. [...]*
-

ÍNDICE

Abat-Jour.....	7
Abdicação.....	8
Abismo.....	9
A Grande Esfinge do Egito.....	10
A minha vida é um barco abandonado.....	11
A morte chega cedo.....	12
Andei léguas de sombra.....	13
A alcova.....	14
Ao longe, ao luar.....	15
Aqui onde se espera.....	16
As horas pela alameda.....	17
As minhas Ansiedades.....	18
Assim, sem nada feito e o por fazer.....	19
As tuas mãos terminam em segredo.....	20
Às vezes entre a tormenta.....	21
Atravessa esta paisagem o meu sonho.....	22
Autopsicografia.....	23
(?) Azul ou verde ou roxo.....	25
Baladas de uma outra terra.....	27
Bate a luz no cimo.....	28
Brilha uma Voz na Noute.....	29
Canção.....	30
Cansa Sentir Quando se Pensa.....	31
Cerca de grandes muros quem te sonhas Conselho.....	32
Cessa o teu canto!.....	33
Chove. É dia de Natal.....	34
Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva.....	35
Chove ? Nenhuma chuva cai.....	36
Começa a ir ser dia.....	37
Como a noite é longa!.....	38
Como inútil taça cheia.....	39
Como uma voz de fonte que cessasse.....	40
Conta a lenda que dormia.....	41
Contemplo o lago mudo.....	42
Contemplo o que não vejo.....	43
Dá a surpresa de ser.....	44
Da minha idéia do mundo.....	45
De onde é quase o horizonte.....	46
De quem é o olhar.....	47
Ditosos a quem acena.....	48
Dizem que finjo ou minto.....	49

Dizem?	50
Dobre.....	51
Dorme enquanto eu velo.....	52
Dorme, que a vida é nada!	53
Dorme sobre o meu seio.....	54
Do vale à montanha.....	55
Durmo. Se sonho, ao despertar não sei	56
É brando o dia, brando o vento	57
Ela canta, pobre ceifeira.....	58
Ela ia, tranqüila pastorinha.....	59
Elas são vaporosas.....	60
Em Busca da Beleza.....	61
Em horas inda louras, lindas	62
Emissário de um rei desconhecido.....	63
Em plena vida e violência	64
Além-Deus	65
Entre o bater rasgado dos pendões.....	68
Entre o luar e a folhagem	69
Entre o sono e sonho,	70
Eros e Psique	71
Esqueço-me das horas transviadas.....	73
Esta espécie de loucura	74
Feliz dia para quem é	76
Flor que não dura	77
Foi um momento	78
Fosse eu apenas, não sei onde ou como	80
Fresta.....	81
Fúria nas trevas o vento.....	82
Glosa.....	83
Gomes Leal	84
Grandes mistérios habitam.....	85
Guia-me a só a razão	86
Ilumina-se a Igreja por Dentro da Chuva.....	87
Intervalo	88
Isto.....	89
Liberdade.....	90
Não digas nada!.....	91
Não: não digas nada!.....	92
O Andaime	93
O Maestro Sacode a Batuta.....	95
O que me dói não é.....	97
Pobre velha música!	98
Põe-me as mãos nos ombros.....	99

Sonho. Não sei quem sou.....	100
Sorriso audível das folhas.....	101
Tenho Tanto Sentimento.....	102
Teus olhos entristecem.....	103
Tomamos a Vila depois de um Intenso Bombardeamento.....	104
Vaga, no azul amplo solta.....	105

Abat-Jour

A lâmpada acesa
(Outrem a acendeu)
Baixa uma beleza

Sobre o chão que é meu.
No quarto deserto
Salvo o meu sonhar,
Faz no chão incerto
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz
Que oscila no chão
Meu sonho conduz
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia
E longe de aqui...
Quanto me sorria
O que nunca vi!

E no quarto silente
Com a luz a ondear
Deixei vagamente
Até de sonhar...

Abdicação

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho. Eu sou um rei
que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei;
E meu cetro e coroa — eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regressei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

Abismo

Olho o Tejo, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
E súbito isto me bate
De encontro ao devaneando —
O que é sério, e correr?
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,
Vácuo, o momento, o lugar.
Tudo de repente é oco —
Mesmo o meu estar a pensar.
Tudo — eu e o mundo em redor —
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,
E do pensar se me some.
Fico sem poder ligar
Ser, idéia, alma de nome
A mim, à terra e aos céus...
E súbito encontro Deus.

A Grande Esfinge do Egito

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena
Ser o perfil do rei Quéops ...
De repente paro...
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste
candeeiro
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com a
pena...

Ouçõ a Esfinge rir por dentro
O som da minha pena a correr no papel...
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,
Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve
Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito abertos,
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo
E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim! ...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

